

# DOCUMENTÁRIO

---

## A CARTA DE DIOGO NUNES E A MIGRAÇÃO DOS TUPI-GUARANIS PARA O PERÚ.

---

Reeditando a carta de Diogo Nunes (1), não nos moveu outro objetivo senão o de pôr em evidência um documento que, supomos, é significativo para o estudo dos movimentos migratórios de índios do Brasil em direção ao Perú. Embora presumamos não ser possível identificar seguramente quais sejam os índios a que se refere Diogo Nunes, parece-nos que se trata de índios da costa do Brasil, de cuja migração para o Perú existe relativa abundância de informações. Métraux em as "Migrations Historiques des Tupi-Guarani" (2), dá-nos uma relação das obras que trataram do assunto. A carta de Diogo Nunes, não constando da bibliografia citada por Métraux, servirá para completar os informes concernentes à migração em apreço, caso se trate realmente de um único e mesmo movimento migratório.

Capistrano de Abreu em notas à obra "História Geral do Brasil", do Visconde de Pôrto Seguro (3), teceu diversos comentários e tôrno da carta de Diogo Nunes, bem como procurou identificar o autor da missiva, pois a existência de dois Diogo Nunes na mesma época, acarretou um engano por parte de Pôrto Seguro ao "atribuir a um só os atos de dois Diogo Nunes". As referências de Pôrto Seguro a respeito de Diogo Nunes são as seguintes: "Enquanto, pois, em Espanha se preparava Orellana, ou se entretinha em dúvidas em juntar gente para a sua nova expedição (que só veio a poder realizar em 1545, e com bem má fortuna), como governador e capitão general e adiantado das terras do Amazonas, a que se propunha denominar **Nova Andaluza**, e

- (1). — Carta de Diogo Nunes, in "Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Tomo II, 3a. edição. Rio de Janeiro, 1916, pp. 375-379.
- (2). — MÉTRAUX (A.). — Migrations historiques des tupi-guarani. Paris, 1927.
- (3). — ABREU (Capistrano de). — Notas à obra "História Geral do Brasil" — Visconde de Pôrto Seguro. 3a. edição, Integral — Tomo Primeiro. (4a edição) — São Paulo, s-d.

como tenente de suas fortalezas, com franquias por dez anos de todos os lucros (Cédulas de Valladolid, de 27 de fevereiro de 1544), se apresentava em Portugal **Diego Nuñes de Quesada**, com projetos para uma expedição idêntica, a fim de varar pelo sertão do Amazonas aos lindes dos Andes. Este **Diego Nuñes** estivera muitos anos no Perú, e trouxera de lá grandes cabedais. Associou-se, pois, ao capitão português João de Sande, e parece que os dois chegaram a ordenar quatro navios com ajuda do governo (Carta de Sevilha, de 3 de outubro de 1544). Pelos apontamentos que nos deixou **Nuñes** (Rev. do Inst. Hist. 2, 365-369), vê-se que êle tinha cabal conhecimento do alto Amazonas, e da terra do **Machifaro**, de que também deram razão Orellana e Orsua” (4).

O Diogo Nuñes, autor da carta, não é, para Capistrano de Abreu, o mesmo Diogo Nuñes de Quesada, referido pelo Visconde de Pôrto Seguro. Comentando as palavras acima transcritas, escreve: “O segundo Diogo Nunes (após ter se referido a Nuñes de Quesada) conhecemos de uns apontamentos oferecidos a D. João III, e publicados pelo autor dêste livro desde 1840 na Revista do Instituto Histórico. O papel não é datado; mas, dizendo Diogo Nunes que em 1538 foi até Machifaro, e de lá trouxe um índio que ficou em sua companhia catorze ou quinze anos, a data cai de 1552 para diante. A data se confirma por muitas outras considerações fáceis de apanhar no estudo atento da peça. Depois de referir brevemente sua viagem a Machifaro, de dar algumas notícias sôbre o grande rio que chama simplesmente das Amazonas, prova evidente de já terem passado alguns anos depois de Orellana, que deu êste nome, Diogo Nunes expõe o sistema empregado pelos espanhóis a respeito dos índios de suas conquistas, e se oferece para ir às terras de Machifaro, onde os índios traziam armas e braceletes de ouro, sendo-lhes feitas concessões iguais às usadas nas colônias espanholas” (5). Ainda na mesma **nota**, Capistrano de Abreu assevera que um documento do qual existe cópia no arquivo da segunda missão Rio Branco (Doc. n.º 6, Secretaria do Exterior) provavelmente refere-se ao Diogo Nunes autor da carta. Em certo trecho do documento (Carta de Luiz Sarmiento, escrita ao Príncipe Real, de Lisboa, a 3 de novembro de 1553), lê-se o seguinte: “Truxo (Tomés de Souza), a un hombre hijo de un portugues, que dizem que lo hubo en una muger de alli del brasil, el qual se cryo por la tierra del brasil adelante, y este

---

(4). — PÔRTO SEGURO (Visconde de). — Op. cit., pgs 243-244.

(5). — ABREU (Capistrano de). — Notas, op. cit., pgs. 257-258.

dice que ha hestado en el peru y que del peru bino alli por tierra y que esta mui cerca de aquello y que donde estan los Portugueses en el brasil en mui pocos dias por tierra yran donde dize que ay mas minas de oro y de plata que diez bezes en el Peru” (6).

Capistrano de Abreu, embora em suas notas se alongue em comentários sôbre a personalidade de Diogo Nunes e sôbre o teor da missiva, não deu realce ao que nos parece ser interessante movimento migratório de índios do Brasil.

Concernente à migração de grupos tupi-guaranis do litoral do Brasil para os Andes, algumas das obras consultadas por Métraux (7) fazem referências à chegada em 1549 à **Chachapoyas**, Perú, de 300 índios do Brasil. Todos os autores consultados, relata Métraux, designam a costa do Brasil como a região de onde teriam partido êsses índios, sem indicar todavia, o ponto preciso de partida. O fim dessa migração teria sido o desêjo de encontrar “sempre terras novas, a fim de lhes parecer que acharão nelas imortalidade e descanso perpétuo” (8). A data de partida teria sido 1539 aproximadamente, e o número de índios varia, de acôrdo com os autores citados por Métraux, entre 12 e 14.000. O itinerário seguido, embora não se tenha certeza absoluta, parece ter sido pelo rio Amazonas. Êstes índios, em certo ponto de caminho, travaram combate com numeroso grupo de índios que encontraram; derrotados, perderam 10.000 dos seus. Dos sobreviventes 1.500 ficaram estabelecidos em uma aldeia próxima do rio Amazonas, e os restantes continuaram viagem até atingir o Perú, onde, em número de 300, foram feitos prisioneiros pelos habitantes de Moyobamba e de Chachapoyas (9).

As informações contidas nos apontamentos de Diogo Nunes coincidem a nosso ver, com os relatos dos autores citados por Métraux. A data de partida — 1539 —, pode ser tida como bastante provável, pois Diogo Nunes diz que esteve em Machifaro em 1538. Fala ainda Diogo Nunes em 14.000 índios que travaram combate com índios inimigos; 300 sobreviventes da luta se “foram fugindo por um rio acima em umas canoas e acabo de certo tempo foram a um povo de cristãos que é no Perú que se chama as **Chachapoas** haverá neste caminho por onde vieram êstes índios até o **Perú** quinhentas léguas — E êstes índios se conheceram

---

(6). — *Ibidem*, pg. 258.

(7). — MÉTRAUX (A.). — *Op. cit.*, pgs. 21-22.

(8). — GANDAVO (Pero de Magalhães). — *I. Tratado da Terra do Brasil — II. História da Provincia de Santa Cruz*. Rio de Janeiro. 1924. Cf. pg. 148.

(9). — MÉTRAUX (A.). — *Op. cit.*, pgs. 21-22.

com os outros que eu trouxe porque eram todos de uma terra e de um Senhor. E a relação da terra que eu tinha sabido dos meus índios é a que êstes me deram tôda a era uma. E êstes trezentos índios ficam agora no Perú”. A chegada ao Perú, parece também não haver dúvida, se fêz através de afluentes do rio Amazonas.

O ponto de partida do Brasil continua desconhecido. Sabe-se que de Pernambuco, por exemplo, partiram várias levadas de índios em direção ao Maranhão e Amazonas (10). Uma referência feita pelo padre Manuel Rodrigues, em sua obra “El Marañon y Amazonas” (11) levou-nos a supor que Pernambuco foi o ponto, ou um dos pontos, de onde teriam partido os tupi-guaranis em direção ao Perú. Tratando da população que habitava a “Cordillera vezina á Quito, y de otras partes de ella, que está debaxo de la torrida Zona, ò muy cerca de la Equinocial”, diz o padre Manuel Rodrigues ser composta de índios fugitivos. Lê-se à pág. 14: “y que todos parezcan gente fugitiva, se verá mejor, quando se diga de sus costumbres; y siendo tales, como verémos, y tan pusilanimes algunos, no parece puede aver entre ellos Amazonas valientes, como dexo Orellana, de que se dirá despues lo que se supo de unas mugeres guerreras, y como de Quito, de los Quixos, y Pernambuco (o grifo é nosso), se huyeron muchos Indios, bastante origen para la descendencia de todas estas naciones... etc.”.

Gandavo, um dos que descreveram esta migração dos tupi-guaranis, relata também a chegada de índios do Brasil à Província de Quito, no Perú. Escreve êste autor: “Depois disto partiram-se daí e foram dar em o Rio das Amazonas, onde se embarcaram em algumas canoas que fizeram e a cabo de terem navegado por êle acima dois anos, chegaram à Província de Quito, terra do Perú, povoada de Castelhanos. Os quais vendo esta nova gente espantaram-se muito, e não sabiam determinar donde eram, e nem a que vinham. Mas logo foram conhecidos por gentio da Província de Santa Cruz de alguns Portuguêses que então na mesma terra acharam” (12).

Parece-nos ser verossímil admitir que os índios referidos pelo Padre Manuel Rodrigues são os mesmos do relato

---

(10). — *Ibidem*.

(11). — RODRIGUEZ (Pe. Manuel). — *El Marañon y Amazonas*. — *História de los descubrimientos, entradas, y reduccion de naciones. Trabajos malogrados de algunos conquistadores, y dichosos de otros, assi temporales, como espirituales, en las dilatadas montañas, y mayores rios de la America* — En Madrid, en la Imprenta de Antonio González de Reyes. Año de 1684.

(12). — GANDAVO (Pero de Magalhães). — *Op. cit.*, pg. 149.

de Gandavo. Conseqüentemente, esta migração teria partido de Pernambuco.

Em conclusão, parece-nos que, em vista da coincidência dos informes de Diogo Nunes, de Pedro de Magalhães Gandavo e do padre Manuel Rodrigues, podemos dar como hipótese bastante aceitável, que a carta do primeiro refere-se a migração de tupi-guaranis do litoral brasileiro em direção ao Perú, e que o ponto de partida foi a região de Pernambuco.

\*  
\*   \*  
\*

### CARTA DE DIOGO NUNES

Escrita a D. João III acêrca do descobrimento de sertões onde podia chegar atravessando a terra de São Vicente. (Província de São Paulo) — Copiada do R. Archivo em Lisboa (Corpo Chron. Part. 3a. Maç. 14. Doc. 1.º), e oferecida ao Instituto pelo seu sócio correspondente Francisco Adolfo de Varnhagen (\*).

#### APONTAMENTO DO QUE V. A. QUER SABER.

No ãno de xxxbiiij foy com um capitão que se diz mercadilho E saymos do peru ha Descubrir E passamos muytas terras despouoadas até domde Este capitão se ficou mal disposto.

Emtonce mandou vimta cimquo homens de caualo nos ques fuy Eu por mandado do dito capitão E chegamos a hua prouimsia a cabo de vimta cimquo Dias hachamos boa boa trã E bem pouoada De Imdios E Riqua de ouro segundo o q' vy q' os Imdios trazão Armas douro e braceletes nos braços Esta Jemte Era De guarnição porq' tinham guerra com outros Indios que Jaa tinhamos deyxado atras — puserãoçe em nos Defende q' não Emtraçemos na terra serião até cimquo ou seis Mil E aly se tomarão muitos Deles — Em tre os quães vinhão outros Imdios De outras Limguoas E terras como pareceo polas Limguoas que leuauamos com nosquo — Esta prouimcia ainde Eu cheguey se chama machifalo.

Estes Indios q' aly tomamos nos derão Comta que Erão de out.º Sir. que Estaua adiante deste de que Erão vasalos.

---

(\*) . — Nota da Revista: — O Sr. Varnhagen enviou juntamente a seguinte nota que julgamos dever publicar. — “A carta que ofereço ao Instituto, e que julgo de interêsse ser publicada, foi por mim vista e copiada com todo o escrúpulo. Se diretamente não diz respeito à História do Brasil, está com ela em contacto; trata da América Meridional, e será recebida com satisfação pelo público literário, que melhor do que nós a poderá comentar”.

Estes dous senhorês tem guerra hûs com out's. E se ca-tiuão hûs a outros. E os tomão por escravos — vista a traser tamboa nos viemos adar conta a noso capitão aonde o tinha-mos Deyxado E não no achamos por q' os seus o avião preso sobre certa deferença que entre Ele E o seus avião tido E o leuarão ao peru preso E a esta causa não se pouou esta pro-vmcia E por q' todos nos tornamos ao peru. —

trouxe comigo certos Imdios destas prouimçias De Quem me Emformey do q' avia adiante / De hum destes Imdios que tiue Em mynha companhia quatorze ou quinze años. —

Depois q' a desta terra saymos vierão tras nos catorze mil Imdios para saber q' Jemte Eramos E no caminho se to-parão com outros Indios de outro S<sup>o</sup>r. com quem tinham guerra E os Matarão a todos q' não fiquarão mais q' trezentos viuos os quaes se forão fugindo por hum Ryo asima Em huãs canoas E acabo de certo tempo forão a hum pouo de cristãos q' he no peru que se chama as chachapoas avera neste cami-nho pôr onde vierão Estes Imdios ate o peru quinhentas le-goas — E estes Imdios se conhecerão com os outros que Eu trouxe porq' Erão todos de hua terra E de hu S<sup>o</sup>r. E a Rela-ção da terra que Eu tinha sabido dos meus Imdios E a que Estes me derão toda a Era hua — E estes trezentos Imdios fiquão agora no peru.

Em esta prouimçia de machifaro q' eu vy se podem pouoar çinq' ou seis vilas muy Riquas porq' sem duuedas ay nela muyto ouro E ao q' me ela pareceo he tâ abomdoza de man-timentos e san como a do peru. — Esta tra Esta entre ho Ryo da prata e o brazil pela tra adentro por esta tra vem o Ryo muitas Ilhas no Ryo E bem pouoadas de Jemte bem lu-zida E da outra banda do Ryo ay muyta pouoação Da mesma Jemte de maneyra q' de húa banda E doutro Esta bem pouoa-do. —

De Mantimentos desta tra he mais q' qua se chama my-lho E acacaby q' serue por pão E disto ha muyta camtidade/ ha neste Ryo muyto pesquado de toda a çorte como em es-panha q' em cada pouo q' cheguão achão muytas casas cheas de pescado çequo q' eles leuão a vemder pelo sertão E tem suas contratações com outros Imdios — uão os caminhos muy-tos abertos de muyto seguydos porq' corre muyta Jemte por Eles.

Ay carnes montezez nesta tra./ veados amtas porcos mon-tezes patos E outras casas Muytas tiue noticia q' ate o Ryo da Prata nesta mesma tra avia houelhas como as do peru q' he mylhor sinal que nestas partes pode auer porq' onde ay oue-lhas ay todo o demais Em abastança.

por este Ryo se ade prouer Eta tr.a porq' podem nrr nauios por elle ate onde se podra pouar huma vila q' seja porto e escala de toda esta tra porq' sobe amare dozentas leguoas e Ryo asyma E deste porto onde se pouar a prim.a vila subirão barquantis (mais de trezentas legoas) porqu' o Ryo vay chão E muito bom —

Avera trezentas legoas des desta provincia ate o mar E sae Este Ryo ha costa do brazil —

tambem poderey Ir por São vte. atraveçando pelas cabeçadas Do brazil tudo por trã firme/ porem ha muyta trã que amdar E não se pode levar as cousas neceçarias p.a conquistar/ E pouoar como por este Ryo aImda q' atra he bem pouoada — hé neceçario p.a conquistar/ Esta trã agora ao presente quatro centos homês cento/ E vimta de caualo E os outros de pee esta Jemte toda se a de fazer em alentejo E no algaruae e algûs omêns Dafriq.a porq' esta Jemte prova bem naquelas partes —

hey mister cimquo natios amareados com todo o neceçario tres barguantis e tres taforcas p.a tomar os mantimentos E caualos e gemte aos naujos que daquy forem porq' p.a o Rio estes nauyos são mais neceçarios. —

ha munição q' hey mister he çem arcabuços E cimquenta bestas E duas duzias de peças dartelharia de bromze/ as seys de dous quintaes e outras seis De quatro quytas E as doze pç.a ão de ser de seis quintes até yoto/ Mais corenta quintaes de poluora ha ordem q' tem os guouernadores no peru E em todas as outras Imdias de castela Em conquistar E Repartir a tra ha a segte.

Depois De conquistada a tra e paseficada a gemte dela se fundão vilas em os milhores lugares q' lhe parece ao gouernador E conquistadores dela. E logo poem por memoria num liuro quantos caçiques ay na trã q' estes são Sres. dos Imdios q' estão ao Redor da dita vila trinta ou corenta leguoas e os Imdios que cada cacique. tem os dão aos cristãos com os deles aql.a cantidade que o gouernador lhe parece segundo calidade de sua pesoa e segundo os seruiços na tra tempto porq' a hûs dão mais e a outros menos — Estes Imdios seruem a este cristão E lhe dão hû tanto cadano de Renda conforme ao q' decrara o caçique que os Imdios lhe podem dar de man.a q' Eles âdom trescançados/ afora desto lhe dão trinta ou corenta Imdios se trocaão cada mes no seruiço porq' se vão hûs e vem outr.os. —

Se estes Imdios podem dar ouro ou prata e o emtreção ao caçique para o caçique o de a seu S.or E asy tambem lhe dão Roupas que Eles fazem e trigo E mays segundo o que têm E colhem Em suas trãs não Recebendo Eles dano porq' o dão de sua vontade/ E de toda a prata E ouro e pe-

dras q' estes Imdios dão leua o emperador seu quimto. E com tudo ysto dão ao Sr. cristão estão os Imdios mais descamçados E não dão tanto como dauão no tempo que estauão com o seu caçique, porq' por hua cousa muito leue q' fazião Mandaua que lhe Mataçem ate a quarta Jeração E lhe tomauão toda sua fazenda de man.a q' não tynhão cousa sua propria — E agora estão Muito mais Riquos E favorecidos E lhes guardão sua Justiça E he de man.a q' muytas vezes se quererão os caçiques leuantar contra os christãos se os Imdios lhe quizerão ajudar porq' estes Imdios o descobrirão aos cristãos. —

Estes homês q' tem estes repartimtos são obrigados a ter hû sacerdote Emtreles p.a os doutrinar aos Imdios E a seus f.os Em nossa santa fee. —

todos os pouos q' se fundão E os Repartimentos q' se dão he a nome De sua magestade. E estes Repartimentos q' daa a gouernador he por vida E em morrendo o daa o gouernador cout.o q' asa a ser uida na trã E emtanto q' ha gouernador se faz desta man.ra Em nome de S. M., sepema a Justiça o dito gouernador/ Esta he a ordem q' se tem em todas as Imdias de castela/.

Se V. A. for seruido q' eu vaa a pouoar e comquistar esta tra. Em nome de V. A. ade ser com estas condições Ditas a Riba porq' asy o faz o emperador E mais me a V. A. De fazer merce por tres vidas da gouernação porq' asy as daa ho Emperador — com outras muytas merçes q' lhe mais aRiba faz oulhamdo seus mereçimentos E a gouernação ha de ser de todo ho q' descobrir e pouoar.

Dando-me V. A. os nauios e munição como asim Digo eu porey mantimtos caualos E gente porq' se tomo á vomtade de fazer Este caminho não he por out.os Respeit.o se não por seruyr a deos E a V. A. E para dar ordem como se saluem esta gentilidade e sejão cristãos toda a mais parte desta, cantidade desta gente q' este he meu dezejo p' p.a mym E meus f.os minha molher tenho de comer q' me baste adeos gracias a Me V. A. de dar maiz duas duzias de corpos darmas do almazem. com seus capacetes E outr.as duas ou tres duzias de couraças/ porq' ysto he o q' basta/.

(a.) Diogo Nunes.

CARLOS DRUMOND

Assistente da Cadeira de Etnografia  
e Língua Tupi-Guarani (U. S. P.).